

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
ESCRITORES/REALIZADORES  
10 de maio de 2023

# SMOKE / 1995

(Fumo)

um filme de Wayne Wang e Paul Auster

**Realização:** Wayne Wang e Paul Auster (não creditado) / **Argumento:** Paul Auster / **Fotografia:** Adam Holender / **Direcção Artística:** Kalina Ivanov / **Figurinos:** Claudia Brown / **Montagem:** Maysie Hoy / **Música:** Rachel Portman / **Intérpretes:** William Hurt (Paul Benjamin), Harvey Keitel (Auggie Wren), Forest Whitaker (Cyrus Cole), Harold Perrineau (Thomas "Rashid" Cole), Stockard Channing (Ruby McNutt), Ashley Judd (Felicity).

**Produção:** Greg Johnson, Peter Newman, Hisami Kuriowa, Kenzo Horikoshi, para Miramax / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, legendada em português, 110 minutos / **Estreia em Portugal:** Monumental e Quarteto, em 21 de Junho de 1996

---

Por mais de uma vez se coloca a questão da "autoria" em relação a um filme, na maior parte dos casos quando alguém procura minimizar o trabalho do realizador em referência a qualquer outro colaborador, por vezes o produtor (os filmes de David Selznick, particularmente), na maior parte das vezes o argumentista. É conhecido um célebre texto de Gore Vidal em que o escritor defende este último quando se referia a **Ben Hur** ("et pour cause", dado que era ele quem o assinava!). Não vale a pena levantar de novo uma polémica que nem tem razão de ser, e muito menos a propósito de um filme que assume sem complexos a dupla paternidade. Se Wayne Wang assina a realização "a solo" será apenas uma questão de ordem técnica (o filme seguinte, **Blue in the Face** aparece já como "realizado por Wayne Wang e Paul Auster"), porque **Smoke** é, para todos os efeitos um filme "dos dois". O texto é "puro" Auster (basta lembrar a "Trilogia de Nova Iorque") e a realização procura "traduzi-lo" em imagens, o que, seja dito em abono da verdade, é inteiramente logrado. Sintonias momentâneas ou cumplicidades afectivas como aquelas que o filme descreve (mais evidentes ainda em **Blue in the Face**)? Estado de "graça" que acontece num breve momento? Assim parece, porque os dois não voltaram a colaborar e o primeiro filme que Paul Auster fez "a solo" (**Lulu On the Bridge**) falhava exactamente na criação do "clima" que rodeia este **Smoke**. No fim de contas, e mesmo considerando o que atrás disse em relação à "autoria" deste filme, parece que se torna evidente que a verdadeira "marca" pertence ao director. Digamos que Wayne Wang terá encontrado aqui o perfeito cúmplice do seu "olhar" sobre as pequenas comunidades e grupos sociais que vivem na cidade, e de que **Eat a Bowl of Tea** é um dos exemplos mais conseguidos.

Do díptico **Smoke/Blue in the Face**, o primeiro parece ser o mais conseguido, pelo menos na sua construção. **Smoke** é um filme mais “trabalhado” e “pensado”, enquanto **Blue in the Face** parece uma colagem mais ou menos “arbitrária” de pormenores, anedotas, situações. Em **Smoke** há uma “narrativa”, não sendo a loja de tabaco de Auggie Wren um mero activador de situações. E essa narrativa tem um delineamento bem concreto, que é o encontro de Paul Benjamin (William Hurt) um escritor “bloqueado” (situação derivada da tragédia que vivera e vitimara a mulher grávida, morta a tiro, vítima inocente num assalto) e um jovem, Rashid (Harold Perrineau) também em crise de identidade, que procura estabelecer contacto com o pai, Cyrus (Forest Whitaker) que o abandonara anos antes, também em resultado de uma tragédia (a morte da mãe, num acidente provocado pelo pai que conduzia embriagado). A loja de Auggie Wren é, para a maioria um local de passagem, e para alguns um local de cumplicidades. De certo modo, a filme ilustra a forma como Paul Benjamin, passa da primeira condição à segunda (embora cliente há anos, Paul limitava-se, desde sempre, a “passar” pela loja em busca de tabaco) marcando também o começo da ultrapassagem do bloqueio criativo em que se encontrava. E o agente da mudança é o jovem Rashid ao salvar um Paul distraído de ser atropelado mortalmente. Paul sente-se em dívida para com Rashid e ao saber que não tem onde ficar convence-o a ficar algum tempo em sua casa. Este gesto acidental gera outros que começam a derrubar a barreira de indiferença de Paul e a alargar-se nas confidências. É desta forma que, de súbito, se confronta com a fotografia da mulher, tirada por Auggie (no seu original “hobby”), a relação entre os dois se torna mais estreita e ambos irão, por sua vez, resolver o conflito de Rashid com o pai.

Os personagens e as situações trazem as marcas do escritor (um certo tom de “realismo” fantasista de que o seu livro *Timbuktu* é exemplo), mas o seu delineamento e enquadramento, o seu registo “intimista” são características também de Wayne Wang. Aliás o verdadeiro núcleo do filme é a história *Auggie Wren’s Christmas Story* que é contada por Auggie a Paul quando este busca inspiração para um conto de Natal e que depois vemos em imagens ilustrando o genérico final a preto e branco, constituindo uma espécie de “eco” ou “resposta” de uma linguagem a outra. A partir daquele conto de Paul Auster, Wayne Wang com a cumplicidade do escritor, criou um outro “texto” que o foi envolvendo. Todos os episódios surgem assim como as “folhas” (de tabaco?) que se envolvem ou sobrepõem harmoniosamente.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico